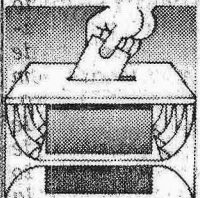


Collor muda estratégia e aceita apoios

Candidato conversa com deputados do PFL, um do PSDB, e cria frente para atrair governadores

LUCIANO SUASSUNA
e PATRÍCIA Z Aidan



BRASÍLIA — O candidato Fernando Collor de Mello resolveu mudar sua estratégia de campanha e come-

çou ontem a retomar diversos contatos políticos para engrossar a campanha do PRN no segundo turno. Com raras exceções, Collor vai aceitar o apoio de quem estiver disposto a se engajar na sua candidatura. Ontem, ele deu o primeiro passo: conversou com 15 parlamentares do PFL, um do PSDB, e montou uma frente especial, na campanha, para acertar a participação dos governadores.

Às 9 horas da manhã, o candidato recebeu, na casa do empresário Paulo Otávio, no Lago Sul, em Brasília, o ex-presidente do PFL, senador Marco Maciel, acompanhado de diversos deputados que, na Constituinte, integraram o chamado grupo moderno do partido. No encontro de pouco mais de uma hora, Collor conversou com o senador Jorge Bornhausen, que apoiou Guilherme Afif, os deputados Tolfran Frejat (PFL-DF), Pedro Canedo (PFL-GO) e Cláudio Ávila (PFL-SC), além do deputado Antônio Carlos Konder Reis, do PDS, entre outros.

O convite para o encontro foi feito na véspera pelo próprio Collor, a pedido dos senadores Carlos Chiarelli e José Agripino Maia, que também participaram da conversa. No mesmo dia, o candidato do PRN havia sido aconselhado por um experiente político a fechar todos os acordos que fossem possíveis. "Por razões ideológicas, nós já íamos votar nele", explicou o deputado Pedro Canedo. "Depois do convite, agora vamos nos engajar fundo na campanha."

Para Collor, este engaja-



José Paulo Lacerda/AE

Collor na saída da reunião de alianças: candidatura aberta a todos os que estiverem dispostos a trabalhar na campanha

mento é fundamental. Nos planos para o segundo turno, o candidato pretende conquistar os votos dados a Leonel Brizola no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, mas precisa também reduzir o nível de abstenção. O maior índice de abstenção se deu nas regiões Norte e Nordeste, e Collor tem informação de

que esses votos seriam, na sua maioria, dados a ele.

Além dos parlamentares do PFL, o candidato investiu ontem numa cria dos tucanos. Pouco depois das 10 horas, ele recebeu o deputado Adroaldo Streck (PSDB-RS), que pretendia gravar uma entrevista com Collor para o programa que pos-

sui na Rádio Guaíba. Após meia hora da entrevista, que vai ao ar hoje, Collor deu o bote.

— Vamos ganhar juntos no Rio Grande do Sul? — indagou.

— Você já vai ganhar sem a minha participação — respondeu o deputado.

Collor afirmou que precisava da ajuda do tucano e pediu

para que voltassem a conversar. Adroaldo Streck pretende seguir a orientação oficial do partido, que já recusou o apoio a Collor, mas ficou bastante impressionado com o candidato. "Ele é insinuante", afirmou depois. "Não tem nada de bobo ou de boneco, como dizem. Achei suas idéias consistentes."

GOVERNADORES

Nos contatos políticos retomados pela equipe de Collor, os governadores — principalmente os do Norte e Nordeste onde o número de abstenção foi muito grande — não poderiam estar de fora. Orestes Quêrcia, de São Paulo, é o peso pesado da lista de nomes do Sul e Sudeste — entre eles figuram Álvaro Dias, do Paraná, e Moreira Franco, do Rio — que o PRN pretende atrair. Não será necessário grande esforço para ter Quêrcia ao lado de Collor: "Quêrcia prefere qualquer coisa a ver o PT crescer no Estado", declarou um profundo conhecedor da política do governador hoje ligado ao PRN.

A primeira sondagem sobre a possibilidade da adesão de Quêrcia — detentor de invejável potencial de votos no Interior paulista — foi feita sexta-feira pelo deputado Arnaldo Faria de Sá (PRN-SP). O deputado conversou demoradamente com o secretário de Administração, Alberto Goldman, e saiu convencido de que o governador, se não subir em palanque com Collor, deverá, no mínimo, liberar os deputados do partido, prefeitos, vereadores e antigos cabos eleitorais para trabalharem na campanha do PRN. São elementos indispensáveis para diminuir a abstenção que a novidade do segundo turno trará.

Goldman teria dito a Faria de Sá que Quêrcia quer tomar a decisão somente depois de ter certeza de não haver liderança tucana na campanha. "O governador não suporta conviver com o PSDB", declarou outro deputado filiado ao PRN. Para não passar à história como um peemedebista que descumpriu a decisão do partido — cuja executiva decidiu pelo candidato do PT —, o governador de São Paulo tem se empenhado em fazer com que o PMDB opte por não apoiar nenhum dos candidatos, deixando livre cada filiado. O deputado Mefi Tales, político ligado a Quêrcia e adepto da candidatura Collor, está encarregado de avaliar em que momento Collor deve arremeter-se sobre o governador paulista com o chamado final.